

13 MAR 1991

País muda posição sobre dívida externa

ISABEL DIAS DE AGUIAR

O acordo da dívida externa está prestes a ser concluído. Os banqueiros estrangeiros não escondiam ontem a euforia diante do que consideraram como uma clara mudança de comportamento da equipe de negociadores brasileiros. Para alguns representantes da comunidade financeira internacional, o governo adotou uma postura pragmática que deverá conduzir as negociações a um ponto médio. Nem os 28% (equivalentes a US\$ 2,24 bilhões) do total dos juros devidos pelo Brasil (calculado em cerca de US\$ 8 bilhões), que os bancos credores desejam receber, nem os 20% que a equipe de negociadores brasileiros oferece (em torno de US\$ 1,6 bilhão), de acordo com a avaliação dos banqueiros.

Um dos fatores que contribuiu para o avanço nas negociações foi a exigência por parte da Icerc — a agência do governo norte-americano que controla os empréstimos concedidos pelas instituições financeiras daquele país — para que o Brasil seja reclassificado pelos bancos dos Estados Unidos. Caso sejam forçadas a tomar essa providência, o que qualificará o Brasil como devedor não confiável, aquelas instituições financeiras estarão obrigadas a recolher, a título de reservas, recursos no valor equivalente a 20% do total de seus créditos perante ao Brasil.

Essa situação não interessa aos bancos credores, pelo prejuízo que isso representa, e tampouco ao Brasil, já que com isso, terá ameaçados os financiamentos às exportações, os empréstimos voluntários e as operações interbancárias das instituições financeiras brasileiras instaladas no Exterior. Poderá também ser onerado por um spread (taxa de risco) ainda maior do que o pago até o momento pelos empréstimos de curto prazo concedido a bancos e empresas brasileiras.

A iminência de um acordo entre o Brasil e seus credores estrangeiros foi comunicada a um grupo de empresários pelo ex-ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, duran-

te almoço oferecido ontem pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Israel, em São Paulo. Mailson atribue a nova postura conciliadora do governo diante dos bancos estrangeiros ao processo de aprendizado proporcionado por quase um ano de tentativas frustradas para restabelecer as boas relações com a comunidade financeira internacional. "O governo Collor desceu finalmente do palanque", afirmou Mailson. Para ele, "o pessimismo já pode dar lugar a um otimismo moderado."

Com os representantes dos bancos e do governo brasileiro envolvidos numa corrida contra o relógio em Nova York para chegar a um acordo sobre o pagamento de mais US\$ 8 bilhões de juros atrasados, a comissão do governo americano encarregada de avaliar a qualidade dos empréstimos internacionais dos bancos tratará hoje do caso brasileiro, em sua reunião quadrimestral iniciada na segunda-feira passada.

Nos meios financeiros não há dúvida de que os nove funcionários que compõem a comissão, conhecida pela sigla Icerc, recomendarão uma nova reclassificação dos créditos de médio e longo prazo ao País, que não rendem juros desde que o governo Sarney suspendeu os pagamentos, em meados de 1989. Mas a recomendação poderá não ser acatada por seus superiores se o Brasil e os bancos chegarem a um acordo sobre os atrasados.



Epitácio Pessoa/AE — 9/6/89

Mailson: otimismo moderado